



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE ENFERMAGEM

Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem

Disciplina: ENS 5743 - Enfermagem em Saúde Coletiva II

Profª. Drª. Emiko Yoshikawa Egry

Profª. Drª. Maria Amélia de Campos Oliveira

Profª. Drª. Rosa Maria Godoy Serpa de Fonseca

1. Identificação da resenhista:

Alexandra Bulgarelli do Nascimento, Enfermeira, Professora em Instituição de Ensino Superior, Doutoranda do PPGE, nº USP 5170372, e-mail: abnascimento@usp.br.

2. **Data de elaboração:** São Paulo, 24 de abril de 2014.

3. **Título:** Rohlfs I, Borrell C, Fonseca MC. Género, desigualdades y salud pública: conocimientos y desconocimientos. Gaceta Sanitária 2000; 14(Supl.3):60-71.

4. **Descritores:** gênero¹, sexo¹, desigualdades¹, saúde pública¹, gênero e saúde²

5. Resenha:

5.1 Resumo do artigo:

O artigo é proveniente de uma pesquisa de revisão de literatura. Ele teve o objetivo de localizar as publicações sobre a temática de gênero na área das Ciências Sociais, visando estabelecer um marco conceitual sobre o assunto.

Os autores propõem-se a investigar os determinantes que explicariam as diferenças e desigualdades existentes quanto à mortalidade e morbidade de mulheres em comparação aos homens, partindo da premissa de que estes determinantes não seriam somente aqueles relacionados à esfera biológica, mas também à esfera social do ser humano.

Para tanto, os autores buscaram os conceitos relacionados a gênero desenvolvidos pela Sociologia. Em seguida, relacionaram estes conceitos com as desigualdades em saúde no âmbito do trabalho de homens e mulheres. Os materiais científicos utilizados para esta pesquisa foram: livros e periódicos.

¹ Descritores presentes no artigo analisado.

² Descritor sugerido pela resenhista, a partir de pesquisa prévia nos Descritores das Ciências da Saúde (DeCS).

A busca foi realizada na base de dados "Medline", sendo elegíveis os materiais que obedeceram aos seguintes critérios de inclusão: presença da palavra "gênero" em qualquer posição do texto, publicação ocorrida nos últimos 10 anos, no idioma inglês ou castelhano e com abordagem restrita a seres humanos.

A primeira seleção foi realizada por meio de uma análise qualitativa dos materiais localizados, quanto ao seus respectivos títulos e, em seguida, por meio da leitura dos seus resumos, a fim de verificar a adesão do material ao tema de interesse dos pesquisadores.

Para refinar a pesquisa foi realizada uma consulta ao *Medical Subject Headings* (MeSH), sendo selecionados os seguintes descritores: *women's health*, *health inequalities* e *work*, bem como, foram consultadas as referências bibliográficas dos materiais elegíveis para a pesquisa, utilizando-se destes descritores, com a finalidade de verificar se haveria algum material adicional disponível que se enquadraria nos critérios de inclusão e que, eventualmente, não tivesse sido localizado anteriormente.

Após a seleção dos materiais científicos, os autores iniciaram o artigo problematizando a presença de desigualdades em saúde entre homens e mulheres, as quais transpõem as diferenças biológicas, ditas "sexuais", uma vez que as mulheres têm esperança de vida maior em relação aos homens, no entanto, maior adoecimento e incapacidades do que eles.

Eles discutiram que a esfera biológica estaria preocupada com os aspectos genéticos, fisiológicos, anatômicos, bem como com os fatores de risco e a predisposição a enfermidades a depender do sexo. Já a esfera social se relacionaria às desigualdades de gênero evidentes devido ao padrão de socialização, regras familiares, obrigações, expectativas de inserção no mercado de trabalho e tipos de ocupação, as quais são mais desfavoráveis para as mulheres em comparação aos homens. Isto, por sua vez, impactaria nas condições de saúde das mulheres, por meio do desenvolvimento de doenças crônicas que, muitas vezes, podem ser incapacitantes e limitantes, e podem resultar em morte.

Diante disto, a desigualdade na divisão sexual do trabalho teria feito com que a maioria das mulheres exercessem atividades reprodutivas de cuidados, que se caracterizam pelos cuidados dirigidos às crianças, ao trabalho doméstico, aos doentes e idosos, o que por sua vez não é reconhecido e valorizado pelas sociedades ocidentais e, conseqüentemente, causa impacto sobre a saúde das mulheres que realizam tais atividades.

A marginalização da mulher é tão estanque, que apenas recentemente, segundo o artigo analisado, os ensaios clínicos incluíram as mulheres entre os sujeitos de pesquisa. Até então, os

resultados encontrados para o sexo masculino eram considerados replicáveis para a população feminina.

Diante disto, os autores abordaram o conceito de gênero e discorreram que apenas em 1955, um médico estadunidense e endocrinologista, propôs a diferenciação entre os conceitos de "sexo" e "gênero". O primeiro se relacionaria à classificação: macho ou fêmea, o segundo às diferenças comportamentais relacionadas ao sexo.

A partir da década de 1970, vários estudiosos passaram a definir "gênero" como um constructo fundamentado na organização social dos sexos, ou seja, a construção social do sexo biológico, por meio das relações sociais diante da historicidade vivenciada pelos sujeitos.

Neste ínterim, a socialização emerge como um processo que influencia o desenvolvimento da personalidade, a qual seria resultado da aprendizagem de conteúdos de uma cultura transmitida de geração a outra, por meio das relações familiares e da escola. Estas transmitiriam os valores e normas aos indivíduos, com a instauração dos papéis sociais, que por sua vez poderiam restringir as oportunidades destes, a depender das diferenças de gênero e das classes sociais nas quais estes indivíduos estivessem inseridos socialmente.

Para exemplificar, os autores citaram dois trabalhos que explicitaram a preferência pelo nascimento de meninos na sociedade chinesa, o que fez com eles fossem melhor alimentados e recebessem mais estímulos durante o seu desenvolvimento e crescimento, em comparação às meninas nascidas no mesmo contexto social. Isto fez com eles tivessem, provavelmente, um desenvolvimento cognitivo favorável em relação às meninas, tendo melhores oportunidades sociais em comparação a elas.

Desta forma, surge a visão sociológica, voltada para a compreensão de gênero a partir das relações sociais.

No entanto, a visão sociobiológica, que parte dos aspectos biológicos e sociais, organizados em fatores, também tenta explicar as questões de gênero. Nesta perspectiva, ocorre a influência da herança genética determinando o comportamento social do indivíduo, como por exemplo: a identidade de gênero se dando num processo de aprendizagem nos primeiros anos de vida; a orientação sexual homossexual como resultado de níveis hormonais deficitários ao longo do desenvolvimento do indivíduo; e as diferenças morfofisiológicas e hormonais de mulheres e homens estabelecendo as capacidades cognitivas.

Portanto, os autores alertaram para a necessidade da adoção da terminologia correta a depender do que o pesquisador se propõe a estudar exatamente.

Diante disto, ao se abordar os aspectos da saúde sob a perspectiva de gênero, os autores afirmaram que a saúde dos homens e mulheres é diferente e desigual. Diferente por conta dos aspectos biológicos e desigual devido à presença de aspectos sociais que são determinantes para esta desigualdade.

Foram discutidas as diferenças entre homens e mulheres sobre a percepção da doença, uma vez que os homens se declaram mais sadios em comparação às mulheres, no entanto, vivem menos do que elas. Da mesma maneira há maior ocorrência de doenças psíquicas, como depressão e ansiedade, entre as mulheres e de doenças funcionais entre os homens, como deficiência visual e auditiva. No entanto, um estudo contrapôs estes achados, apontando que os homens estão mais suscetíveis às doenças psíquicas em comparação às mulheres. Além disso, outro estudo, realizado na década de 1990, propõe pesquisas mais aprofundadas, a fim de que não se concluíssem e reproduzissem conclusões que pareceriam inconclusivas.

Porém, os autores apontam ser de conhecimento que aspectos biológicos, representados pela genética, fisiologia e morfologia, e que a estrutura social, representada pelos papéis e normas, podem influenciar as diferenças de gênero. Elas incidem de forma mais contundente sobre as mulheres em comparação aos homens, no que se refere às perspectivas de vida que incluem o acesso à educação, trabalho, renda, satisfação com o trabalho, entre outros.

O trabalho compreendido como atividade fundamental da sociedade contemporânea, ganhou destaque no artigo ao articulá-lo com aspectos relacionados à saúde.

O trabalho foi diferenciado entre trabalho produtivo, remunerado, e trabalho reprodutivo, não remunerado. Cabe à mulher, compulsoriamente, devido aos papéis sociais postos e à divisão sexual do trabalho, o trabalho reprodutivo, relacionado aos afazeres domésticos e cuidados com as crianças, enfermos e idosos. Isto, por si só, conforme evidenciado pelo artigo, pode desencadear processos de adoecimento nas mulheres. A partir dos estudos citados no artigo, recomenda-se que se relativizem as evidências referentes ao agravamento da saúde da mulher ao conciliar o trabalho reprodutivo com o trabalho produtivo.

Alguns apontaram que realizar somente trabalho reprodutivo pode ser deletério para a saúde da mulher, por conta da ausência de remuneração, baixa valorização dos componentes da família, baixa autoestima, entre outros. Porém, outros apontaram que a conciliação destes tipos de trabalho, principalmente, dentre aquelas com inserção social desfavorável, pode agravar a condição de saúde desta mulher, visto que esta configuração de vida, exigirá dupla ou tripla jornada de trabalho. Há ainda o viés de que este trabalho pode ser menos reconhecido e remunerado em comparação ao trabalho realizado pelos homens ou ao estrato ocupacional que elas ocupam, em relação aos outros estratos ocupacionais mais valorizados.

Os autores finalizaram o artigo discutindo que o reconhecimento das diferenças de gênero enriquecem e expandem a compreensão sobre as ações em medicina preventiva e saúde pública, visto que para se propor a estudar a morbidade e mortalidade de qualquer grupo social faz-se necessário relativizar as necessidades quanto às diferenças de gênero.

5.2 - Comentários da resenhista:

Tendo como referência a concepção preconizada pela Saúde Coletiva, à luz do materialismo histórico e dialético, e do modo de produção capitalista, ao qual a sociedade global está submetida, o artigo permitiu a compreensão da divisão sexual do trabalho como temática abordada transversalmente por ele. Aspectos relacionados à organização social sob a perspectiva capitalista impõem à mulher uma certa desvalia em relação ao homem.

Esta herança de papéis sociais desfavoráveis adotados pelas mulheres em comparação aos homens, decorre dos aspectos relacionados à historicidade, que remontam períodos pré-históricos em que cabia à mulher o trabalho reprodutivo, relacionado aos cuidados com as crianças, idosos, doentes, feridos e com o lar, bem como o trabalho produtivo, relacionado, em algumas culturas, à confecção do vestuário e à coleta ou, posteriormente, à agricultura.

O ponto em discussão é que passados milhares de anos, esta situação se mantém e em muitos aspectos se agrava, principalmente, pelo modo de produção atual, que obriga a mulher à manutenção de um comportamento herdado culturalmente, agregado a um novo comportamento, que a atual organização social impõe a ela, fazendo com que a sua condição de saúde fique precária.

O artigo foi uma oportunidade de reflexão sobre as relações de gênero presentes, cujas práticas são reiterativas de outros momentos históricos, frente às novas exigências que o capital impõe para a manutenção da sobrevivência da mulher na atual conformação social.

6.0 Intertexto para ampliação:

6.1 - Leituras que subsidiaram a compreensão do artigo:

- Fonseca RMGS. Gênero como categoria para a compreensão e a intervenção no processo saúde-doença. PROENF- Programa de atualização em Enfermagem na saúde do adulto. Porto Alegre: Artmed/ Panamericana, 2008, v.3, p.9-39.
- Fonseca RMGS. Gênero e saúde da mulher: uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In: Fernandes RAQ; Narchi, NZ. (org.). Enfermagem e saúde da mulher. São Paulo: Manole 2007; p.30-61.

6.2 Leituras futuras para ampliação da compreensão sobre a temática do artigo:

- Brah A. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu 2006, 26: 329-76.
- Neves IR. LER: trabalho, exclusão, dor, sofrimento e relação de gênero. Um estudo com trabalhadoras atendidas num serviço público de saúde. Caderno de Saúde Pública 2006, 22(6): 1257-65.

7. Apreciação geral

O artigo mostrou-se rico ao propor delimitar o marco teórico relacionado à temática de "gênero", frente aos conhecimentos e desconhecimentos sobre o assunto. Sob a perspectiva metodológica percebeu-se a preocupação dos autores em realizar uma revisão de literatura que abarcasse o maior número possível de materiais científicos sobre o tema.

No entanto, em alguns momentos, a linha argumentativa proposta exigiu uma leitura mais atenta dos motivos pelos quais os autores retomaram aspectos abordados em momentos anteriores do artigo, possivelmente, tentando destacar os conhecimentos e equívocos sobre o assunto.

Quanto ao idioma de publicação foi possível experimentar o espanhol, o que exigiu um conhecimento intermediário, bem como permitiu a compreensão de alguns vocábulos utilizados em menor frequência nos materiais científicos, proporcionando um aprendizado adicional enriquecedor.